

ANÁLISE DO DISCURSO: A PRIORIDADE AERONÁUTICA SOB O PRISMA DA LÓGICA ARISTOTÉLICA

Sady Carlos de Souza Júnior
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

Palavras Chave: *Análise do Discurso, Semiótica, Aeronáutica*

Introdução

Conhecemos na história da aviação alguns pontos controversos que se rivalizam há mais de um século. São oposições referentes ao 1º voo e/ou a invenção do avião. Ainda que nos permitamos a uma veemente dilação do contraditório, continua sendo difícil uma concepção objetiva sem passar por um recorte “patriótico” entre os EUA e o Brasil para discutirmos esta prioridade.

Não caberia aqui discutirmos sobre a veracidade do fato histórico, mas reter, refletir o que nos chega pelo seu discurso. E sob o viés semiótico, neste caso específico, apresentamos alguns elementos básicos da antiga lógica formal de Aristóteles (filósofo de Estagira - 384 a 322 aC.) visando a aquisição de alguns valores perdidos do enunciado.

Metodologia

Através da lógica alética (V e F) aristotélica e seu desdobramento no quadro semiótico (SER, PARECER, NÃO SER, e NÃO PARECER) pretendíamos articular o que É e o que Não É, como um movimento de todo um programa narrativo que qualifique este ou aquele ponto na busca de esclarecimentos sobre as instigantes controvérsias documentadas.

Neste caso pudemos estruturar também em modelo o que consta como critério de validade entre nós presentemente: visualizamos o SER (Santos Dumont) que deixa de o Ser para, percorrendo o quadrado greimasiano, chegar ao “PARECER inventor”, e, o contrário, quando a inferência recai sobre os americanos irmãos Wright – hoje conhecidos “inventores” do avião – vemos percorrer do PARECER para SER os pioneiros consagrados num discurso definitivo.

Entrementes quando nos deslocamos aplicando este tema sob o estudo das causas em Aristóteles, como pontos de justificação filosófico-científica, produzimos uma resignificação do fenômeno apontado. Para conhecermos a realidade de um Ser ainda perquirimos a sua origem, sua causa. Aristóteles nos trouxe suas quatro causas do objeto em si. Estas quatro causas são: a **Material** – ou do que é feito a coisa; a **Formal** – qual o nome, ou o que é que a distingue dos demais; a **Eficiente ou Motora** – quem a fez; e a **Final** – para que tal coisa foi feita. Deter-nos-emos doravante nestas duas últimas causas.

Resultados e Discussão

O voo de um aparelho mais-pesado-que-o-ar era até 1906 improvável, ou impensável que ocorresse. Este voo do brasileiro consagrado publicamente em todos os jornais foi reproduzido no mês seguinte atestando seu próprio recorde – tudo avaliado por uma comissão científica do Aero clube de Paris, em 1906, com o 14 Bis.

Neste sentido, a Causa Final “poder voar”, que carecia da invenção de um aparelho com tal capacidade -

e repetidos experimentos bem sucedidos, autorizando seu intento - fora alcançada. E independentemente de quem o tenha feito, foi só em 1906, 23 de outubro, que se revelou ao mundo aquilo que até então fora inconcebível: o voo humano.

Acontece que os Irmãos Wright (Wilbur e Orville) depois de 1906, reclamaram para si o invento e a primazia do voo, e que apesar de não haverem se submetido a nenhuma “comissão”, voaram antes, em 17 de dezembro de 1903. Contudo, só conseguiram mostrar para o mundo, triunfalmente, em Paris, somente dois anos depois do brasileiro, em 1908.

Conclusões

A questão defendida pelos irmãos Wright é que eles fizeram o primeiro voo. Hoje protagonizam como heróis da historiografia aeronáutica. Apenas em nosso país, e por mero interesse nacionalista, temos resistido sobrevivendo a todas restrições fisiológicas. Sob o prisma aristotélico se Santos Dumont já dirimira a dúvida do voo, os americanos trouxeram, a saber, apenas a nova informação de **quem** foi o autor primaz, ou **quem** fez o primeiro voo. E isso lhes remeteria diretamente à **Causa Motora ou Eficiente**.

Porém, a primeira vez que fora visto no mundo um voo humano ratificado cientificamente – medido e calculado (altura, distância, velocidade, etc), teve como piloto Alberto Santos Dumont. Com ele confirmou-se que poderíamos suspendermo-nos da gravitação, sairmos de um ponto a outro pairando no ar. Para o grande Aristóteles, quando se concebe a meta de algo experimentalmente impossível e o demonstramos, isso remete-nos ao alcance de um objetivo satisfeito ou realizado, a sua **Causa Final** pretendida. E Santos Dumont nos legou a constatação de voar.

Pela explicação emitida filosoficamente pelo filósofo grego - corroborada por todos os outros, se conclui que Santos Dumont está acima dos irmãos Wright no que concerne à sua importância histórica, porque, segundo a avaliação de Aristóteles, a **Causa Final** é sempre superior a **Causa Eficiente ou Motora** - porque a importância do fato/fenômeno novo produzido tem um caráter superior ao próprio sujeito que o produz.

Bibliografia

Dicionário de Semiótica – Greimas, A.e.Courtés, J. Ed. Contexto, São Paulo.
Fundamentos de Filosofia, Cotrim, Gilberto e Fernandes, Mirna. Ed. Saraiva, 2ª Edição, São Paulo, 2013.
Pollilo, Raul de. *Santos Dumont gênio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950